
O jornalismo local em Serra (ES) e suas transformações sob os impactos da crise estrutural do capital: Estudo de caso do jornal Tempo Novo¹

Mariah Friedrich DADALTO²
Rafael Bellan Rodrigues de SOUZA³
Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES

RESUMO

Em atividade desde 1983, o jornal Tempo Novo constitui uma iniciativa de jornalismo local focada no município de Serra, Região Metropolitana da Grande Vitória (RMGV), onde ocorreram processos de transição industrial tardia com impactos sociais acompanhados do acentuado crescimento populacional verificado na região. Definiu-se o percurso metodológico do estudo de caso (YIN, 2005; DUARTE, 2005) para realização da pesquisa sobre as condições de produção e a atuação do Tempo Novo, por meio da triangulação de métodos de coleta de evidências. A partir de procedimentos de caráter exploratório-descritivo e investigações a campo, desenvolvemos entrevistas com jornalistas e diretores da iniciativa. A análise permitiu identificar que o veículo exerce a função de ator social e patrimônio cultural do município.

PALAVRAS-CHAVE: trabalho; reestruturações produtivas; jornalismo; Serra; Tempo Novo.

O jornalismo local do Tempo Novo no município da Serra – ES

Em atividade desde 1983, o Jornal Tempo Novo constitui uma iniciativa de jornalismo local focada no município de Serra, Região Metropolitana da Grande Vitória (RMGV). A fundação do veículo coincidiu com o processo de industrialização tardia e formação da Região Metropolitana da Grande Vitória, em função da remodelação da estrutura produtiva em curso no estado. Em sua história de atuação, o jornal tem acompanhado e participado das transformações no município de Serra.

A produção noticiosa é direcionada para a cobertura de assuntos referentes ao mundo diário do município. Em 1983, no momento de origem do impresso semanal do

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Pesquisa – Comunicação e Trabalho do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Mestre em comunicação pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação e Territorialidades da Ufes, email: mariahfdadalto@gmail.com

³ Doutor em Ciências Sociais, Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades e professor colaborador do Programa de Pós-Graduação em Política Social da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes, Vitória, Brasil), email: rafaelbellan@yahoo.com.br

jornal Tempo Novo, o desenho de concentração de mídia já se fazia presente no Espírito Santo com a articulação de dois grupos de comunicação locais pertencentes às famílias Lindemberg (A Gazeta) e Santos/Nassau (A Tribuna) com emissoras nacionais de televisão como principais veículos de informação do estado sediados na capital (REIS, 2017).

Distribuído gratuitamente na cidade entre 1983 e 2020, o extinto jornal impresso começou a ser produzido de maneira artesanal por moradores do município de Serra, entre eles Eci Scardini, vulgo Jereréu, primeiro editor do Tempo Novo e ex-office boy do jornal A Tribuna. Em 2012, entra em funcionamento o portal online do veículo, para atender à demanda de adaptação da produção noticiosa local às reconfigurações estruturais provocadas pela consolidação das plataformas digitais e tecnologias de informação como intermediadoras dos processos produtivos no século XXI.

A lógica produtiva vigente no momento contemporâneo do sistema metabólico do capital consolidou as plataformas digitais e tecnologias de informação como fatores econômicos e culturais centrais para intermediação dos processos produtivos no século XXI (SRNICEK, 2018, p. 48). Areladas às demandas de acumulação flexível sobre as atividades produtivas, o sistema midiático passa por reconfigurações e mudanças estruturais (SOUZA, 2021).

O capitalismo de plataforma interpela os processos de trabalho e a estruturação das iniciativas jornalísticas a partir das novas condições objetivas e potencialidades produtivas abertas pela margem de manobra no contexto do capitalismo financeiro (MÉSZÁROS, 2002, p. 683) apoiado nas tecnologias comunicacionais, conforme as tendências de gestão flexível e exploração dos recursos extraídos da circulação da informação para recuperar as taxas de lucros perdidas nas últimas décadas de crise estrutural do capitalismo financeirizado (SOUZA, 2021, p. 51).

No intuito de contribuir com os esforços de estudo sobre os impactos dos reordenamentos produtivos que interpelam a profissão, a pesquisa de mestrado que originou o presente artigo analisa as condições de produção no trabalho dos jornalistas do Tempo Novo no contexto das transformações decorrentes da crise estrutural do capital (MÉSZÁROS, 2002) e sua expressão particular na crise pela qual atravessa o jornalismo como profissão (CHRISTOFOLETTI, 2019).

A primeira seção do artigo reflete sobre a independência jornalística no contexto do atual estágio dos processos produtivos que se associa à crise vivida na profissão, em

seguida interpretamos os resultados da investigação à luz da discussão apresentada, na seção expomos as principais considerações extraídas no processo de pesquisa.

Trabalho e independência jornalística

Compreender a comunicação como constituidora das relações de produção e dos processos produtivos nos motivou a recorrer a uma matriz teórico metodológica compreendida pelo binômio comunicação e trabalho, entendidos como atividades humanas que abrangem produções simbólicas, ordenamentos econômicos, tensões políticas e dinâmicas histórico-geográficas, intrínsecas ao desenvolvimento ontológico do Ser Social (FIGARO, 2018b, p. 187).

A linguagem no “mundo do trabalho” manifesta-se como expressão de poder e de contraposição das forças políticas e econômicas. Esse lugar/território passa por disputas, está marcado por contradições. Similar às disputas do território local, da cidade e do país, encontram-se ali as marcas das relações de comunicação, confrontadas com as disputas dos embates globais (FIGARO, 2018b, p.181).

Em reconhecimento à importância de dar continuidade aos esforços de estudo dos impactos dos reordenamentos produtivos sobre a profissão, a presente proposta de pesquisa pretende contribuir para a compreensão dos processos de produção de notícias, com foco em ampliar a discussão sobre a natureza da organização jornalística contemporânea e os sentidos atribuídos por seus praticantes. O modo de apropriação dos avanços tecnológicos na produção e circulação dos bens materiais estruturou o ambiente midiático em torno de conglomerados de comunicação nos centros urbanos, entretanto, a precariedade predominante no espaço das periferias estendida aos arranjos de trabalho menos dotados de recursos situados nesses espaços não impediu a expressão de experiências, visando atender necessidades locais de trabalho e serviços de comunicação.

O termo independente, adjetivo utilizado na autodeclaração do jornal Tempo Novo em seu portal, tem sido adotado como designação de uma organização autônoma aos grandes conglomerados de produção cultural (MUNIZ JR., 2016, p. 108). A noção de independência jornalística emerge na superfície discursiva com diferentes significados e contextos (ASSIS et. al, 2017, p.6). Assis et. al (2017, p. 6) apresentam um panorama dinâmico para a discussão conceitual deste campo ainda em construção.

Um dos primeiros elementos associados à definição de independência faz alusão à não-dependência ou autonomia da instituição Estatal, herança histórica da experiência colonial e dos governos autoritários brasileiros (LIMA, 2010, apud Assis et. al, 2017, p. 5). “Essa interdependência histórica, muitas vezes fez com que o jornalismo se submetesse aos interesses do Estado, sobretudo nas relações da mídia regional e local com os governos estaduais e municipais”. (LIMA, 2010, p. 114).

É possível constatar uma valorização da territorialidade no conteúdo jornalístico local de O Tempo Novo, produzido em condições de trabalho divergentes dos conglomerados de mídia tradicional, considerando a diferença de recursos entre esses grupos e, conseqüentemente, uma atuação de seus profissionais marcada por tensões entre o capital e trabalho geradas pelo movimento de plataformização, cuja convergência com o jornalismo tem sido analisada para pensar as reestruturações produtivas sofridas pela profissão, em um cenário de crescente estratificação econômica (BELL, OWEN; 2017).

Para Christofolletti, o fechamento de publicações consolidadas até então e sucessivos passarálhos pelas redações evidenciam a crise financeira enfrentada no mercado de jornais e revistas, associada à queda nas receitas de publicidade, com impactos sobre a diversidade e pluralidade das pautas, fontes e versões e sofre os impactos da crise que agudiza a concentração da propriedade, a medida que iniciativas menores e com dificuldades de sustentação são compradas por grupos maiores e passam pela padronização tanto das práticas como dos assuntos trabalhados (2019, p. 37-38).

O imperativo da veiculação instantânea de informações para atender à necessidade de velocidade dos fluxos do capital global incide no processo de produção do jornalismo online, associado a um aprofundamento de limitações de tempo para a apuração dos fatos relatados, com reverberações sobre as condições de exploração dos trabalhadores do conhecimento e o reconhecimento social do papel mediador historicamente atribuído ao jornalismo como profissão.

No entanto, para além do esquema industrial, é possível verificar esquemas de rentabilização para viabilizar iniciativas de jornalismo locais, vinculados a causas e coletivos de jornalistas que se organizam em resposta às insatisfações do trabalho nas redações tradicionais e às demissões, embora esse modelo continue sendo hegemônico na instituição de padrões, consenso de práticas, estímulo da competitividade e conservação dos mercados produtores e consumidores (CHRISTOFOLETTI, 2019, p. 46).

De acordo com Mészáros, as transformações provocadas pelo regime de expansão

capitalista ao atingir a “totalidade intensiva” produziram “uma significativa racionalização do capital global e o estabelecimento de uma estrutura de relações financeiras e econômicas com o Estado que foi, em geral, muito mais adequada ao deslocamento de muitas contradições do que a estrutura anteriormente existente” (MÉSZÁROS, 2002, p. 805).

Assim, o jornalismo como trabalho e práxis da realidade social em contexto de circulação digital reflete as reestruturações produzidas pelo regime expansionista de autorreprodução do capital, a partir do qual o uso da linguagem matemática e computacional passa a ser incorporada às relações capitalistas também como recurso de manipulação e produção de subjetividades integradas à lógica de reprodução do projeto capitalista (PONTES, SILVA e SOUZA, 2021). Por isso, as contradições subjacentes ao jornalismo revelam que nenhuma estrutura sobrevive incólume ao movimento destrutivo do capital.

Discussão dos resultados

A análise do material coletado nas entrevistas foi orientada conforme o objetivo de desenvolver uma compreensão das condições de produção no trabalho dos jornalistas de uma iniciativa jornalística independente às corporações de mídia sediada no município de Serra, Espírito Santo.

Os objetivos específicos da análise do Jornal Tempo Novo consistem na investigação dos efeitos do contexto das transformações no trabalho jornalístico (FIGARO, NONATO, KINOSHITA, 2017; FIGARO, 2018a; FIGARO, 2018b; FIGARO, NONATO, 2021), a sustentabilidade dessa iniciativa; discussão do ethos enunciado pelo veículo de comunicação e compreensão do impacto territorial mobilizado por sua práxis jornalística. Para isso, foi necessário categorizar as temáticas abordadas nas entrevistas em função dos objetivos de análise e cruzar as informações apresentadas pelos jornalistas ouvidos na investigação.

O grupo analisado é representativo na produção noticiosa no município da Serra onde a redação passou por diversas mudanças articuladas à reestruturação produtiva do mundo do trabalho. O jornalismo do Tempo Novo tem como missão produzir jornalismo local, “com olhar especializado na Serra, gratuito e moderno”, conforme descreve a autodeclaração disponível na aba “Fale com o Tempo Novo” do portal online¹, colocado em funcionamento desde janeiro de 2012. Definiu-se o percurso metodológico do estudo

de caso (YIN, 2005; DUARTE, 2005), por meio de pesquisa documental e condução de entrevistas semiestruturadas com jornalistas e diretores do Jornal Tempo Novo.

Como direcionamento para as entrevistas, seguimos o roteiro elaborado por Figaro (2018a, p.53) para a investigação que subsidia nossos esforços, aplicada com arranjos da Grande São Paulo com questões abertas para conhecer a/o jornalista e as formas de organização da iniciativa.

O roteiro de entrevista atendeu ao objetivo de orientar o diálogo com os interlocutores, mas pode sofrer adaptações, considerando as interações e trocas entre os envolvidos. “A entrevista cumpre, portanto, o objetivo de trazer a voz de cada uma das experiências que foram criadas para produzir jornalismo de bases organizativas diferentes das tradicionais” (FIGARO, 2018a, p. 55).

As informações extraídas no percurso de análise indicam a ocorrência de processos produtivos associados às reconfigurações territoriais referentes ao espaço de vida da cidade e aos territórios mutáveis da práxis jornalística. Desse modo, a migração do formato impresso do Jornal Tempo Novo para o online resulta da necessidade de redução dos custos de operação e adaptação às mudanças no comportamento de consumo de notícias do público trazidas pelas novas tecnologias de telecomunicação e transmissão de informação.

Neste contexto, a migração do formato impresso do Jornal Tempo Novo para o online resulta da necessidade de redução dos custos de operação e adaptação às mudanças no comportamento de consumo de notícias do público trazidas pelas novas tecnologias de telecomunicação e transmissão de informação. As novas competências para execução dos procedimentos de trabalho jornalístico mediado pelas redes digitais demandaram a adequação dos profissionais que compunham a redação do Tempo Novo, o que gerou uma dificuldade de adaptação ao conjunto de habilidades exigidas pela necessidade de reformulação das práticas, com isso a maior parte da equipe que compunha a redação do extinto jornal impresso foi desfeita.

Os jornalistas do *Tempo Novo* descreveram impactos causados pelas transformações no mundo do trabalho acionadas pela dinâmica de reestruturação produtiva operada no estágio capitalista do regime de acumulação flexível (HARVEY, 1992) e expressa na integração das tecnologias digitais desde a produção, a relação com as fontes, até a distribuição do material jornalístico; nas formas de organização do

trabalho; no teletrabalho, nas competências exigidas dos profissionais; no ambiente hiperconcorrencial de mídia e na relação com os públicos.

Os editores do Jornal Tempo Novo relataram que durante toda a história do veículo a dificuldade de viabilizar a manutenção da iniciativa esteve presente, mas entre os anos de 2016 e 2020 a fragilidade financeira do empreendimento se agudizou com a migração das audiências e anunciantes para o espaço digital que geraram a necessidade de adequar a produção e as formas de monetização do trabalho.

As adequações para o mercado virtual levaram os responsáveis pelo jornal a expandir suas formas de captação de receita por meio da criação de projetos culturais custeados por patrocínios públicos e privados, além disso reproduz-se o modelo de venda de espaço para anunciantes, do papel para as telas, os dilemas trazidos pela intromissão das propagandas na leitura também permanecem.

Tabela 1 - Sustentabilidade



A análise do modelo de organização e sustentabilidade indicou uma aproximação do jornalismo do Tempo Novo com as noções de jornalismo independente, feito fora dos grandes conglomerados de comunicação, e mais remotamente ao jornalismo alternativo, que se associa a uma atuação contra-hegemônica (PERUZZO, 2006).

No campo ideológico, o Jornal Tempo Novo se posiciona como um ponto de vista diferente daquele apresentado pelos conglomerados de comunicação, contudo há uma reprodução da linguagem e do modelo familiar de empresa verificado na estruturação dos veículos de jornalismo tradicionais, revelados nas entrevistas a partir das perguntas para a apreensão do “ethos jornalístico” da organização.

Ethos segundo a definição de Patrick Charaudeau e Dominique Mainguenuau (2004) corresponde a uma representação de si construída pelo locutor na interação discursiva, sendo apoiado em determinadas virtudes e princípios morais (CHARAUDEAU e MAINGUENAU, 2004, p. 220).

Maria de Fátima de Oliveira (2005) afirma que “a noção de ethos, retomada da retórica clássica coloca a questão da moral ligada à pessoa do orador”. Aplicado ao jornalismo, esse ethos representa a imagem da entidade jornalística construída nas práticas discursivas, em função da lógica das relações sociais com as quais interage e manifesta sua especificidade.

Bakhtin (1979) compreende o discurso como fenômeno social produzido por um contexto histórico, de modo que os signos constituem fragmentos de realidade dotados de caráter ideológico: “O domínio do ideológico coincide com o domínio dos signos: são mutuamente correspondentes. Ali onde o signo se encontra, encontra-se também o ideológico” (BAKHTIN, 1979, p. 30).

A tabela abaixo consiste em sete colunas correspondentes às respostas dos entrevistados a questionamentos sobre como definem o jornalismo que praticam, como se diferenciam das grandes corporações de mídia, qual a função social do trabalho exercido ali, o que entendem por jornalismo de qualidade, quais são os principais temas que recebem cobertura noticiosa, e quais são as principais fontes que compõem o discurso jornalístico.

Tabela 2 - Ethos jornalístico (como os jornalistas e editores se definem)

Definições	Como se diferenciam	Função social	
<ul style="list-style-type: none"> • Noticioso • Informativo • Propositivo • Serrano • Um levante contra a ditadura militar • Alternativo • Independente • Especializado • Profissional • Referência 	<ul style="list-style-type: none"> • Conteúdo local • Perfil especializado • Linha editorial municipalista • Memória histórica • Ligação direta com os serranos • Prezar pela cidade • Vínculo com fontes e comunidades 	<ul style="list-style-type: none"> • Levar informação • Olhar para a realidade • Ser patrimônio da sociedade • Elo entre a população e o poder público • Ajudar a resolver problemas • Levar a verdade • Apontar problemas 	
Ideal de qualidade	Temas	Fontes	Público
<ul style="list-style-type: none"> • Conhecimento sobre a cidade • Coragem para emitir opinião • Militância • Imparcialidade • Ouvir os dois lados • Falar a verdade • Ter fontes • Ir ao local do acontecimento • Ser independente • Ser combativo • Ser solidário • Boa concepção editorial • Boa apuração • Fidedignidade 	<ul style="list-style-type: none"> • Ações da prefeitura e da câmara municipal • Clima • Trânsito • Polícia • Cotidiano da cidade • Cultura e lazer • Comunidade • Segurança • Meio ambiente • Emprego • Saúde pública 	<ul style="list-style-type: none"> • Leitores • Representantes do poder público • Pessoas envolvidas com esporte • Líderes comunitários • Grupos de <i>WhatsApp</i> • Órgãos ambientais • Polícia • Trabalhadores da prefeitura 	<ul style="list-style-type: none"> • Moradores da Serra • Maioria mulheres • Atentos à Serra • Demandam por material de leitura rápida e fácil

O Tempo Novo carrega como propósito editorial produzir conteúdo noticioso baseado na esfera local e informar sobre assuntos de interesse público da cidade, que até então não contava com nenhuma outra iniciativa jornalística. A ancoragem da produção jornalística sobre o território demonstra que a imprensa local baseia sua função, especificidade e força na territorialização dos conteúdos destinados à comunidade de leitores, circunscrita a uma região geográfica delimitada.

De acordo com a teórica Cicília Peruzzo, que se dedica ao estudo da comunicação popular, comunitária e alternativa como uma forma de “contra-comunicação” presente nas práticas dos meios de comunicação locais e regionais, “mídia local denota uma

comunicação baseada em informação de proximidade” (PERUZZO, 2005, p. 69). Apesar de perpassada por contradições decorrentes das relações de produção das notícias, esse tipo de modalidade, de maneira geral, cumpre uma importante função social (PERUZZO, 2005, p. 69).

Segundo Janaína Barros (2020b), os meios de comunicação visibilizam, colocam em discussão pública as ações de atores sociais locais e problematizam os pactos determinantes para a organização da vida naquele território. Assim, o jornalismo local se configura como um espaço específico de recepção e desenvolvimento do debate público sobre o tempo e o espaço vivido, com potencial de intervenção na realidade concreta para reproduzir a racionalidade hegemônica ou transformá-la. Além disso, cumpre o papel social de tornar público o exercício de poder político nas sociedades contemporâneas, tanto legislativo como executivo.

A prática jornalística do Tempo Novo também reforça uma cultura de comunidade pela sua ação sobre o território. Segundo Cicilia Peruzzo (2006), as comunidades caracterizam uma forma de existência baseada em um relacionamento coletivo orientado para a “coesão, convergência de objetivos e de visão de mundo, interação, sentimento de pertença, participação ativa, compartilhamento de identidades culturais, coresponsabilidade e caráter cooperativo” (PERUZZO, 2006, p. 14).

A realização das entrevistas permitiu aferir mudanças no conteúdo jornalístico com o crescimento da tendência de produção de conteúdos de rápida leitura e pouco aprofundamento. Além disso, as métricas da audiência passaram a influenciar nos valores notícia que orientam o trabalho.

Ainda assim, a pesquisa aponta para a contribuição exercida pelo trabalho jornalístico realizado pelos profissionais do veículo para a ampliação de perspectivas e assuntos com visibilidade local e para promover a democratização da informação em um ambiente midiático com características oligopólicas e baseadas na concentração das atividades jornalísticas nos centros capitalistas, em detrimento de áreas periféricas desertas de notícia.

Considerações finais

O Jornal Tempo Novo partiu de um experimento, renovou equipes durante os últimos 39 anos de empreendimento e recalculou caminhos de atuação para se adequar às

exigências do sistema produtivo e aos efeitos culturais do avanço da racionalidade neoliberal sobre as práticas jornalísticas.

O veículo apresenta condições de produção próximas às características identificadas nas iniciativas de jornalismo locais (PERUZZO, 2005; DORNELLES, 2012; BARROS, 2020a) e independentes (MUNIZ JÚNIOR, 2016; ASSIS et. al, 2017; BARROS, 2020b), devido ao seu modelo de organização e sustentabilidade, relação com a comunidade e localização da sede fora do centro, da capital e dos grandes conglomerados de comunicação, características verificadas em pesquisas anteriores sobre veículos declarados independentes e/ou locais.

A identidade do Tempo Novo se vincula basicamente à proximidade, intimidade e agilidade no tratamento dos acontecimentos locais. Outro fator de destaque é a capacidade de adaptação do veículo às novas formas de concorrência e produção jornalística durante o processo de migração do jornal impresso para o digital. Foram necessárias novas fontes de monetização do trabalho e desenvolvimento de outras formas de captação de receita, que atualmente vem de projetos sociais financiados pelo poder público e privado, venda de espaço para anunciantes e conteúdo legal, além da publicidade programática.

O acompanhamento das métricas permite escolher as pautas de acordo com os interesses manifestados pelos leitores em seus hábitos de consumo de notícias. Os gestores acreditam que tal estratégia contribui para a elevação significativa dos números de acesso ao portal de notícias. Assim, as reestruturações produtivas reorientaram o exercício do jornalismo segundo novos valores concernentes ao regime de acumulação flexível e à razão ideológica neoliberal (PONTES, SILVA e SOUZA, 2021), de modo que o epifenômeno das transformações no sistema midiático contemporâneo e o contexto de crise do jornalismo evidenciam a expressão particular de uma crise estrutural, com o acirramento da contradição entre capital e trabalho (SOUZA, 2018).

Analisar tais sintomas a partir da abordagem dialética consiste em considerar as reestruturações produtivas, o desemprego estrutural, a decadência ideológica, corrosão das sociabilidades e a barbárie social como os aspectos fenomênicos que indicam fraturas da ordem reprodutiva e seus limites absolutos no estágio de desenvolvimento do capital no século XXI.

A atual gestão do trabalho jornalístico acompanha a lógica pós-fordista de produção (FONSECA, SOUZA, 2006). Com isso, a convergência de meios no jornalismo

digital provoca mudanças como o aumento na demanda por perfis profissionais polivalentes/flexíveis, além da precarização das relações de trabalho e imposição de rotinas produtivas baseadas na dinâmica de velocidade. Por outro lado, a força humana não absorvida nas redações da mídia tradicional ao se engajar em atividades que repercutem na luta anti-sistêmica revelam as potencialidades contidas nas fissuras do regime expansionista de autorreprodução do capital.

Tomando a concepção de práxis jornalística, compreendemos que a subjetividade do ser humano em seu aspecto particular de se constituir no processo de apropriação prática-subjetiva do mundo (KOSIK, 2002, p. 221) detém um potencial revolucionário, pois a consciência se desenvolve como “força de luta que acomete todo o ser humano” (KOSIK, 2002, p. 224), produzindo sentidos sobre o território no contato com a totalidade concreta do mundo, a linguagem, a poesia e o conhecimento.

Assim, entendemos o jornalismo como uma forma de conhecimento capaz de resgatar a experiência da práxis para a construção de uma consciência como força de luta pelo contato com a totalidade da existência no mundo, sua dialética e contradições. Identificamos que o jornal representa um patrimônio coletivo da cidade de Serra, além de exercer um papel relevante como ator social no contexto do município.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Evandro de; CAMASÃO, Leonel; SILVA, Mariana; CHRISTOFOLETTI, Rogério. Autonomia, ativismo e colaboração: contribuições para o debate sobre a mídia independente contemporânea. **Pauta Geral - Estudos em Jornalismo**. Vol. 4, n. 1, 2017, p. 3-20. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/pauta/article/view/9899/5813>. Acesso em: 11/12/2020.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1979.

BARROS, Visibeli Janaina . Meios de comunicação na territorialização do capital. **Revista Matrizes**, v.14, n. 2, maio/ago. 2020, p. 261-287

BARROS, Visibeli Janaina. Arranjos de Jornalismo online Independente no Interior de Minas Gerais. **Intercom** – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, Modalidade Virtual: 2020, 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Dez. 2020b.

BELL, Emily; OWEN, Taylor. **A imprensa nas plataformas – como o Vale do Silício reestruturou o Jornalismo**. New York: Columbia Journalism School, 2017, Columbia University Academic Commons. Disponível em: <https://doi.org/10.7916/D8D79PWH>.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2004.

CHRISTOFOLETTI, Rogério. O fim está próximo. In: CHRISTOFOLETTI. **A crise do jornalismo tem solução?** Barueri, SP: Estação das Letras e Cores, 2019. p. 31-65.

DORNELLES, Beatriz. O futuro dos jornais do Interior. Revista Intratextos, v. 4, n. 1, p. 21-36, 2012

FIGARO, Roseli. (org.). **As relações de comunicação e a condições de produção no trabalho de jornalistas em arranjos econômicos alternativos às corporações de mídia.** São Paulo: ECA-USP, 2018a.

FIGARO, Roseli. **Comunicação e trabalho: implicações teórico-metodológicas.** Galaxia (São Paulo, online), ISSN 1982-2553, n. 39, set-dez., 2018b, p. 177-189. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-255435905>. Acesso em : 20 fev. 2020

FIGARO, Roseli; NONATO, Cláudia; KINOSHITA, Jamir. Jornalistas em arranjos econômicos independentes de corporações de mídia: métodos e análises iniciais. **Intercom**, Curitiba, 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Set. 2020.

FONSECA, Virgínia e SOUZA, Paulo H. Rodrigues de. O pós-fordismo na produção jornalística. **Revista Intexto**, Porto Alegre: UFRGS, v. 2, n. 15. p. 1-18, jul.2006. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/4264/4426>. Acesso em: 14 mar. 2017.

KOSIK, Karel. **Dialética do Concreto.** 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

LIMA, Venício
A. **Liberdade de Expressão x Liberdade de Imprensa: direito à comunicação e democracia.** São Paulo: Publisher Brasil, 2010.

MÉSZÁROS, István. **Para além do capital.** São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.

MUNIZ JÚNIOR. José de S. Os sentidos sociais da produção cultural independente: usos e abusos de uma noção instável. **Revista Parágrafo.** Jan/jun. Vol. 4, n. 1, 2016. Disponível em <http://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/366/391>. Acesso em: 10 dez. 2020.

OLIVEIRA, Maria de Fátima Costa de. O discurso e a construção do ethos jornalístico. XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, **Intercom**, 2005.

PERUZZO, Cicilia M. K. Mídia regional e local: aspectos conceituais e tendências. **Comunicação & Sociedade.** São Bernardo do Campo: Póscom-Umesp, a. 26, n. 43, p. 67-84, 1o. sem. 2005.

PERUZZO, Cicilia M. K. Revisitando os conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária. In: XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, **Intercom**. Núcleo de Pesquisa “Comunicação para Cidadania”. Anais... Brasília-DF, INTERCOM/UnB, 6 a 9 de setembro de 2006.

PONTES, Felipe Simão; SILVA, Marcos Paulo da; SOUZA, Rafael Bellan Rodrigues de. Jornalismo e conhecimento em tempos de capitalismo pandêmico: um manifesto à totalidade concreta. In: Jornalismo e conhecimento em tempos de capitalismo pandêmico e de expansão da desinformação. **Líbero**, ano 24, n. 49, set./dez. 2021, São Paulo, Brasil, p. 11-26. Disponível em: <https://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/1702/1307>. Acesso: 15 de maio de 2021.

REIS, Ruth. **Sobre a mídia local**, levantamento não publicado, 2017. Disponível em <https://drive.google.com/open?id=1ZTIVGOLr4INXMZv1eXQMNDbXO0wMzdu1>.

SOUZA, Rafael B. R. Trabalho jornalístico, capitalismo de plataforma e reificação: a alienação como processo. In: FERNANDES, Vinícius Tomaz; ESQUENAZI, Arelys; MORAES, Lívia de Cássia Godoi (Org.). **Trabalho e Práxis, novas configurações, velhos dilemas**. Marília : Lutas Anticapital, 2021.

SOUZA, Rafael. B.R. de. A dialética da crise do jornalismo: o sociometabolismo do capital e seus limites estruturais. **INTERCOM** (SÃO PAULO. ONLINE), v. 41, p. 55-69, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/interc/a/rGJZjZhrpPFHLnQQLN9CvXb/?lang=pt> Acesso em: 03 de junho de 2022

SRNICEK, Nick. **Capitalismo de plataformas**. Buenos Aires: Caja Negra, 2018

ⁱ Ver mais em: <https://www.portaltemponovo.com.br/contato-tn/>. Acessado dia: 20 jan. 2020.